

Ilhas ao Largo

do Brasil de Alto Mar

estadao.com.br

CAPÍTULO 3 - SÃO PEDRO E SÃO PAULO

"Os rochedos de São Paulo, vistos a uma certa distância, são de uma brancura ofuscante...Esta cor se deve, em parte, aos excrementos de uma imensa multidão de pássaros do mar...com um caráter tão tranqüilo quanto besta, eles são tão pouco acostumados a receber visitantes, que eu poderia matar tantos quantos quisesse com meu martelo de geólogo".

Charles Darwin, 16 de fevereiro de 1832.

FÉ, TUBARÕES E MERGULHOS DE TIRAR O FÔLEGO.

O branco trai os olhos à distância. A espuma das ondas aos poucos toma forma e firmeza e vem a ser o topo dos rochedos no horizonte instável de bordo. Mais perto, e as beiradas recortadas das escarpas brancas largam pedaços ao vento, alguns brancos, alguns negros, alguns bicolors. E não caem, voam. Mais perto ainda, e tais pedaços de rocha assumem sua verdadeira face de aves marinhas. Centenas, talvez milhares. Tantas, que a deposição do guano tingiu de branco a superfície das escarpas vulcânicas, que afloram do oceano, abruptas e nuas, com o nome de São Pedro e São Paulo. É o único conjunto de ilhas oceânicas brasileiras do Hemisfério Norte: 0°55'N, a latitude aproximada de Macapá, no Amapá. E dista 540 milhas náuticas (1.000km) do litoral mais próximo, o Cabo Calcanhar, Rio Grande do Norte, exatamente onde o Brasil faz a curva e dá as costas ao mar.

Quatro dias de navegação e um pouco de sorte separam o Atol das Rocas do Arquipélago São Pedro e São Paulo. O Dom Silvano, uma escuna de 40 metros, navegou o primeiro trecho a todo pano, com ventos de 15 nós (cerca de 28km/h) e ondas de 1,5 a 2 metros pela proa. Na metade da travessia, a linha do Equador parece riscada no mar com a pena das calmarias. Ali, onde os hemisférios se dividem, a circulação dos ventos cria um movimento ascendente, aplina as ondas do oceano e sustenta aguaceiros muito localizados e intensos. As velas do Dom Silvano emagreceram, as ondas encolheram até sumir. O mar virou uma piscina e os aguaceiros desenharam manchas cinza-escuro do céu à superfície .

A região das calmarias - também chamadas doldrums - já não empata semanas de navegação à vela, como nos séculos das grandes navegações. Basta ligar o motor. Com o instrumento de localização por satélite, o GPS, nas mãos, os tripulantes também já não tem dúvidas quanto à posição exata. E a passagem do Equador, agora, é precisa e tranqüila. Depois da tradicional cerimônia de batismo do barco e da tripulação, a comemoração incluiu um mergulho, em águas cuja profundidade média é de 4 mil metros e não há qualquer sinal de terra no horizonte ou abaixo dele. Imersos no espaço, entre o nada e o azul-violeta, suspensos por uma gigantesca mão, líquida, morna, os mergulhadores se deixaram levar à deriva. A corrente, de apenas um nó, os carregava na mesma velocidade do barco, por sorte, no rumo correto. Algumas horas

preguiçosas mais tarde, descansados e indefinidamente mais leves, os tripulantes voltaram ao barco e acionaram os motores do Dom Silvano, retomando a rota para os penedos.



A região das calmarias, terror das caravelas, hoje é vencida facilmente com os motores.

A expectativa do mergulho em São Pedro e São Paulo era grande, pelas informações de outros visitantes e de documentos da Marinha, acerca de grandes cardumes de tubarões. A escuna carregava gaiolas de proteção, especialmente encomendadas, e bastões de choque, para uma aproximação "segura". Quando a ilha já estava à vista, o roubo de um peixe fígado confirmou a lenda: um dos tripulantes, Marcelo Gentil, mantinha uma linha n'água, para capturar um almoço fresco. Fígada forte, o "pescador oficial" nem bem começou a lutar com o peixe e outro puxão levou o almoço embora, cortando a dente um arame de aço, que prendia o anzol.

Durante as filmagens, mais tubarões demonstraram sua soberania subaquática. Lawrence Wahba, de câmera nas mãos, filmava um pequeno cardume, provavelmente de tubarões cabeça-chata (*Carcharhinus leucas*). Eduardo Meurer decidiu entrar em cena, para que os futuros espectadores tivessem noção do tamanho daqueles animais. Dois deles nadavam em círculos, talvez em um ritual preliminar de acasalamento. Com a aproximação de Edu, um dos tubarões resolveu deixar o companheiro e partir para cima do mergulhador. Edu recuou e o tubarão desviou a meio metro de distância, retornando para junto do companheiro. A insistência em se aproximar foi repelida outra vez, com nova investida do tubarão. E, nesta, o bicho só desviou a 20 ou 30 centímetros!

Tudo aconteceu muito rápido e outros dois mergulhadores - equipados com os bastões de choque para se defender de um ataque exatamente como esse - não tiveram tempo de fazer nada. O Edu só percebeu o perigo real quando a adrenalina já tinha voltado ao normal e todos estavam de volta a bordo, assistindo às imagens no monitor de vídeo.



Mesmo com gaiolas de proteção e bastões de choque, os tubarões de São Pedro e São Paulo impõem respeito.

O segundo incidente com tubarões foi tão ou mais dramático. Final de tarde, retorno de mergulho tranqüilo, alguém afastou o inflável para subir no barco. Reunidos no convés, conversando, os tripulantes não perceberam que o inflável ia embora sozinho, carregado pelo vento e pela corrente. O leme do Dom Silvano estava em reparos e, assim, o barco não podia ser usado no resgate. O inflável e o motor de popa eram fundamentais para a continuidade dos trabalhos. Marcelo Skaf ainda retirava o equipamento de mergulho, assumiu a culpa pelo erro e decidiu voltar à água para resgatar o barquinho a nado. As primeiras braçadas fortes preocuparam os outros: poderiam atrair os tubarões. Gritos e recomendações para ele nadar sem fazer barulho fizeram a tensão subir. Impotentes, os outros acompanharam o rápido olhar de Skaf para trás e o ritmo acelerado das braçadas até o inflável, que escalou num pulo só, jogando o corpo no fundo e desaparecendo de vista. O convés da escuna era uma dúvida única. Skaf levantou e sinalizou. Tudo bem. Nos dois minutos mais longos de toda a viagem, ele ligou o motor de popa e voltou ao Dom Silvano. Pálido, com voz alterada, contou ter avistado algumas barracudas junto dele. Em seguida, o vulto de um tubarão - uns quatro metros, talvez - passou debaixo dele, no limite da visibilidade para as condições de luz do momento. Aí ele olhou para trás, viu o

tubarão crescer rapidamente e atacar uma das barracudas, a pouco mais de meio metro de suas pernas! Sem saber se o tubarão estava sozinho, se a barracuda era suficiente para saciar seu apetite, se ele retornaria do azul onde desapareceu, Skaf nadou com tensão dobrada até chegar, exausto, até a segurança.

Sustos à parte, mais alguns dias no mar e toda a tripulação foi unânime em eleger os mergulhos em São Pedro e São Paulo como os melhores de todo o Atlântico, incluindo o Mar do Caribe. A visibilidade chega a 50 metros e a quantidade e diversidade de formas de vida surpreende mesmo os mergulhadores mais experimentados. Um tipo de alga, diferente de todas do continente, provavelmente uma espécie endêmica, domina o fundo e esconde a rocha e infinitos peixinhos. O verde vivo, ondulante e denso das algas contrasta com o azul do mar e todos os tons dos seres marinhos. Sobram lagostas, moréias pintadas, tartarugas e cardumes de arraia-jamanta.

O deslumbramento esconde, no entanto, uma face perigosa. Os mergulhos nos penedos exigem cuidado e muita técnica, porque são profundos - 30 a 40 metros - e as correntes de superfície são fortes. Daí a necessidade do inflável de suporte, com um homem atento a bordo. A chance de acidentes deve ser reduzida ao mínimo. São vários dias por mar até qualquer lugar e não há socorro possível de helicóptero. Mesmo que existissem equipes de salvamento em Fernando de Noronha, o aeroporto mais próximo, são 740km em linha reta e faltaria combustível para a volta. Quem se aventura naqueles rochedos só pode contar mesmo com um recurso adicional: a fé, de preferência, em São Pedro e São Paulo.

A olhos desavisados, a aparência é a mesma das outras ilhas oceânicas. A origem vulcânica confere ao Arquipélago de São Pedro e São Paulo a desolação da rocha crua, abrupta, recortada. O tamanho limitado restringe toda possibilidade de formação de um solo e fixação de plantas de qualquer natureza. O isolamento fecha ainda mais as portas à colonização vegetal. Nem vegetais inferiores, nenhum líquen dentre tantas espécies, que em outras paragens crescem desde a neve das mais altas montanhas às pedras ensolaradas dos desertos. A vida nos rochedos, acima da linha das marés, restringe-se ao mundo animal e, mesmo assim, com poucos representantes, entre caranguejos, aves oceânicas e os insetos, aranhas e parasitas associados a estas.

A dúvida mais evidente aos poucos visitantes com a atenção voltada para tais bichos é: como podem viver tão distantes, tão isolados, sem fonte doce, sem vegetais? Metade da resposta está debaixo d'água. No mar fervilham centenas de espécies de peixes, crustáceos e algas, capazes de sustentar gerações e mais gerações de aves, muitas além do que caberia em toda a extensão de pedra acima da superfície. São dois gêneros em São Pedro e São Paulo: os atobás, que deitam seus ovos sobre a pedra nua, e as viuvinhas, que usam as algas soltas na arrebentação para construir ninhos, soldados com fezes.



Os atobás, que põem seus ovos sobre a pedra nua, estão entre as poucas aves residentes de São Pedro e São Paulo.

A outra metade da resposta está na estreita relação entre os seres: uns alimentam dos outros ou vivem de seus restos. Os caranguejos comem os filhotes mais fracos das aves e roubam os pedaços de peixes depositados pelos pássaros-pais nos ninhos. A lista dos invertebrados inclui: uma mosca e um ácaro, parasitas das aves; um verme comedor de penas; um besouro e uma baratinha, que vivem do guano; e uma porção de aranhas, caçadoras desses "pequenos companheiros das aves", como define Charles Darwin, de cuja pena saiu tal lista, quando de sua visita aos rochedos, em 1832. Até hoje, só mais três espécies foram acrescentadas à lista do famoso naturalista: uma larva de mariposa, um pseudo escorpião e outra espécie de mosca, todos parasitas das aves.

Tão duras condições de sobrevivência, superadas por tamanha interrelação entre espécies, puseram o germe de uma idéia na cabeça de Darwin. Conforme o relato de seu livro "Viagem de um naturalista em volta do mundo", foi em São Pedro e São Paulo, que ele percebeu o processo de colonização das paradisíacas ilhas oceânicas. No lugar da poesia e das cenas de palmeiras, lentamente povoadas por pássaros, depois pelo homem, ele concluiu que os parasitas trazidos por aves oceânicas ou pequenos devoradores de fezes deviam ser os pioneiros mais prováveis na colonização de ilhas recém formadas. No que estava certo.

As rochas de São Pedro e São Paulo semearam novas teorias também nas cabeças dos geólogos, que a visitaram. Apesar da evidência de sua origem vulcânica, a composição de algumas de suas pedras sempre intrigou os cientistas. Existe ali uma grande quantidade de peridotite, uma rocha ígnea formada a grandes profundidades. As rochas ígneas são sílicas derretidas, o magma do centro do planeta. Conforme seu aspecto, é possível saber se solidificaram mais ou menos perto da superfície. Quase todas as ilhas vulcânicas nasceram da lava, o magma que aflora à superfície e depois se solidifica. São Pedro e São Paulo não. Suas rochas já subiram à superfície em estado sólido, desde profundezas abissais. Segundo o geólogo norte americano P. L. Sachs, essas pedras indicariam a existência de uma gigantesca corrente ascendente no manto terrestre, algo além do simples aflorar do magma: um movimento no cerne da Terra, semelhante ao dos oceanos, quando sobem as correntes quentes e descem as frias. Ou semelhante ainda às convecções atmosféricas, germen das tempestades tropicais.

A tese combina com os estudos de marés terrestres: medidas geodésicas de precisão mostram que a crosta do planeta sobe e desce, movimentando-se sobre o magma. Exatamente como as águas nas marés alta e baixa. As marés terrestres são muito mais lentas e de menor amplitude do que as marés oceânicas, como convém a continentes sólidos. Atualmente há diversas pesquisas em andamento, para tentar determinar seus efeitos e causas, com a ajuda de sensores mais precisos, a bordo de satélites.

A par de suas rochas ígneas, o arquipélago também é especial por estar assentado sobre um hot spot. Os hot spots são os pontos do planeta onde a crosta terrestre é menos espessa e o magma quente está mais próximo da superfície ou do contato com a água do mar. Todo hot spot está associado a cataclismas: terremotos, erupções vulcânicas e deslizamentos. Violências da terra, que o Brasil desconhece, exceto em dois pequenos territórios esquecidos no meio do oceano: a Ilha da Trindade e São Pedro e São Paulo. No arquipélago, isso explica a ocorrência de abalos sísmicos, com reflexos até a superfície, dos rochedos e do mar. O Roteiro Costa Leste da Marinha, que complementa as cartas náuticas, adverte para a possibilidade dos tremores serem confundidos com o impacto do casco do barco num escolho, tal o barulho provocado pelas ondas de choque.

O estudo desses choques teve início apenas em 1847, com a primeira coleta sistemática de dados entre 1887 e 1895. Nesta época, o trecho equatorial da cadeia de montanhas submersas, conhecida como Dorsal Atlântica - onde está São Pedro e São Paulo - já era considerada a região de maior atividade sísmica de todo o fundo do Atlântico. Tal atividade explica as formas abruptas e pontiagudas dos penedos, tanto acima, quanto debaixo d'água.



Sem solo, plantas ou líquens, a vida nos penedos restringe-se a aves marinhas, caranguejos, insetos e parasitas.

Há quem especule sobre a existência de enormes cânions submarinos, em profundidades onde o homem ainda não esteve. A existência de um verdadeiro universo desconhecido nos costões submersos do arquipélago desperta a curiosidade entre os aventureiros e os faz buscar provas do fantástico mundo escondido. Uma dessas provas está nos registros históricos: em 1948, Hans Petterson, da Expedição Sueca dos Mares Profundos, relata a captura de um polvo imenso nas vizinhanças dos rochedos. Petterson comandava a expedição, a bordo do navio Albatross. Seu polvo parece saltar diretamente dos gibis e filmes de ficção científica. Ou dos arquivos da imaginação, na seção de monstros das profundezas.

Os demais perigos presentes nos rochedos, têm uma origem menos afeita aos scripts de Capitão Nemo. Os temidos tubarões, por exemplo, chegam a São Pedro e São Paulo com a corrente Sul-Equatorial. Seu berço são as costas da África, que abandonam quando deixam de ser filhotes. A migração natural é ao sabor da correnteza e eles vão bater direto ali, naqueles penedos, onde encontram comida farta, peixes de grande porte e - vez por outra - até humanos dispostos a lhes facilitar a pesca, prendendo e suspendendo

"petiscos" vivos em linhas fáceis de quebrar. Não é à toa, que ficam pelos rochedos em grandes cardumes. Eles dificultam a vida dos visitantes, mas são uma atração especial no turismo de mergulhadores. Até agora, esse turismo esteve restrito pela distância e dificuldade de navegação. Com os novos instrumentos de localização, os GPS, porém, a pesca e o turismo podem aumentar. E, com eles, a ameaça à integridade dos fantásticos cenários submarinos de São Pedro e São Paulo, hoje protegidos apenas por uma base e um farol da Marinha.

ENCLAVE HOSTIL, MAS ESTRATÉGICO

Uma ilha sem água, sem vegetação, povoada apenas por pássaros marinhos e, além de tudo, hostil a abordagens, não era de nenhum valor aos navegantes do século XVI. A não ser, eventualmente, como ponto de referência na correção das rotas para o Novo Mundo. Talvez por isso, a descoberta do Arquipélago de São Pedro e São Paulo seja tão pouco conhecida quanto os próprios rochedos. Aconteceu entre 1513 e 1538, muito provavelmente, pois sua posição não consta na Carta Mundial Turca, de 1513, mas já aparece na Carta de Mercador, de 1538, um mapa editado para orientação dos navegadores europeus.

São Pedro e São Paulo é um conjunto de quatro penedos em forma de U, com a abertura voltada para o Caribe, a noroeste. A entrada tem cerca de 45 metros e o comprimento não chega aos 100 metros. De fora, à distância, parece capaz de proteger um veleiro ou barco pequeno, pelo menos contra o vento ou a corrente equatorial, que bate forte na face nordeste. Mas é ilusão. As ondas vão e vem tão desordenada e o espaço de manobra é tão limitado, que a proteção facilmente se transforma numa armadilha.

Sem exceção, todos os relatórios de expedições científicas - históricas e atuais - dedicam algumas linhas às manobras acrobáticas de desembarque nos rochedos. O primeiro registro de visitante a colocar os pés em terra, fora do alcance das ondas furiosas, é do capitão Amasa Delano, que ali esteve em 1799, com seu navio Perseverance. As impressões do capitão não foram as melhores: "Nós baixamos o pequeno bote, fomos à costa, e descobrimos não se tratar de nada além de um grupo de rochas escarpadas...Quando estávamos na margem, parecia o local mais lúgubre que eu jamais havia visto, com o mar rugindo e crescendo por todos os lados."

Delano já recomendou àquela época a construção de um farol, ciente do perigo de topar com os rochedos à noite. Ele também se refere aos numerosos tubarões e à perda de ganchos, anzóis e linhas para seus dentes afiados, outra unanimidade nos relatos dos visitantes de todos os tempos. Como esteve lá em dezembro e observou as aves marinhas com filhotes recém-nascidos, o capitão do Perseverance assume ser o mês de novembro o melhor para a coleta de ovos, com uma ressalva gastronômica: "Não são muito doces, pois todos os ovos de aves oceânicas tem gosto de peixe".



O frade real (amarelo) é uma das espécies do Caribe, cuja distribuição chega até as costas brasileiras.

Só no século seguinte a curiosidade levou outro homem a desafiar o mar para pisar nas pedras pontiagudas de São Pedro e São Paulo. Era 1832 e o visitante desceu do Beagle para coletar amostras de qualquer ser em movimento sobre a face das rochas. Charles Darwin encontrou diversas espécies de insetos e aranhas, guardou pedaços de guano e pedra para examinar na lupa e voltou ao navio de sua "Viagem de um Naturalista em Volta do Mundo" com alguns esboços de idéias sobre os processos de colonização faunística das ilhas.

No século XIX e início do XX, o arquipélago serviu de pausa a diversas expedições científicas, em meio à longa jornada até a Antártida. Em 1839, Sir James Clark Ross parou ali a caminho das terras geladas austrais. Mais tarde daria nome ao Mar de Ross, o braço de oceano mais próximo do Pólo Sul, no continente antártico, e à Ilha de Ross, local de instalação das bases dos Estados Unidos, Nova Zelândia e da entidade ambientalista Greenpeace. Outra pausa a meia viagem para a Antártida ocorreu em 1902. O médico de bordo, Dr. William S. Bruce, tentou descer, mas o mar parecia "um caldeirão de águas espumantes e zangadas". Ele pisou em falso e

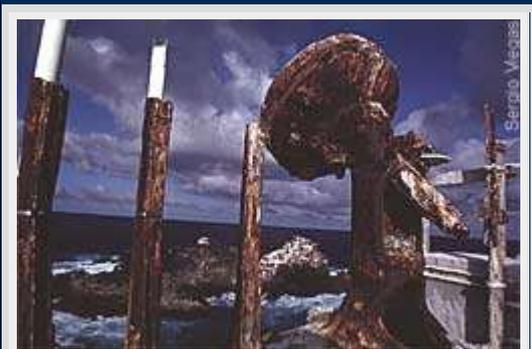
escorregou para a companhia dos tubarões. Resgatado sem maiores ferimentos, desistiu do desembarque, voltou para o navio Scotia e retomou o rumo do Pólo Sul.

Menos afeitos ao acaso, os cientistas do Challenger ataram um cabo entre os rochedos e o navio, para assegurar o salto entre os escaleres e a pedra, no desembarque.

O Challenger parou em São Pedro e São Paulo em 1873, no início da famosa volta ao mundo, realizada por uma equipe de cientistas coordenada por Sir Charles W. Thomson, entre 1872 e 1876. O bico de pena que ilustra o livro de Thomson "Voyage of the Challenger" (*) inspirou e ainda inspira muitos navegantes na escolha do local para fundear nos penedos. É outra ilusão a atrair incautos para as águas mal-humoradas: a ilustração não condiz com a posição verdadeira do Challenger. A medida real é relatada no texto do livro e corresponde à "metade do comprimento da amarra", ou seja, pouco mais de 90 metros. Se o navio ficasse mais perto, como sugere a figura, talvez tivesse encerrado a expedição ali mesmo.

Em 1930, o medo de topar com os rochedos à noite deu lugar ao conforto de um farol, construído pela Marinha brasileira. A tranqüilidade reinou por poucos meses. Abalos sísmicos apagaram a luz e danificaram o sistema automático. Restou a estrutura de metal, abalada pelos tremores, para pouso das aves, novamente companheiras da escuridão e do temor dos navegantes. Já no final dos anos 90, o farol foi reconstruído, ao lado de uma base, com capacidade para abrigar 4 pesquisadores ou guardas da Marinha, num esquema de revezamento. A base é utilizada, com mais freqüência, para estudos geológicos.

Os freqüentes abalos em São Pedro e São Paulo são responsáveis pelas inúmeras fraturas que se desenham nas rochas afiadas. O perfil recortado dos penedos oferece uma trégua apenas num pequeno patamar, de 15 por 30 metros, coalhado de poças e piscinas salgadas, alimentadas de peixinhos e água do mar pelos respingos da arrebentação. No exíguo espaço plano, em março de 1955, pousou o primeiro helicóptero, dos Estados Unidos, para apoiar geólogos na coleta de amostras. O helicóptero veio a bordo do navio Atka, de passagem pelos rochedos na volta de uma missão à Antártica, para avaliação das riquezas minerais.



Equipamentos enferrujados das ruínas do antigo farol, hoje já substituídos pelas novas construções.

Vários outros navios, estiveram nos Penedos medindo o fundo, analisando areia e pedras, e desenhando seus contornos. A maioria de bandeira americana, inglesa ou alemã. Dos brasileiros, São Pedro e São Paulo permanecem esquecidos e quase desconhecidos. Em muitos mapas são até omitidos, apesar de sua importância estratégica e econômica para o país. A posição do arquipélago determina uma imensa área de exploração econômica exclusiva, estendendo o mar territorial a centenas de milhas das costas brasileiras. Essa exclusividade é contestada pelo Japão e pelos Estados Unidos e alvo de fortes pressões internacionais, sobretudo pela evidente dificuldade do país em manter uma exploração dos recursos disponíveis, ou mesmo, qualquer manifestação de sua soberania sobre aquelas águas.

Além dos poucos navegadores, mergulhadores, pesquisadores e fiscais, que se arriscam a ir até lá, São Pedro e São Paulo é um nome bem conhecido apenas pelos radioamadores, que têm paixão pelos comunicados a longa distância, os chamados DX. Eles já organizaram diversas expedições, com o objetivo de desembarcar nos rochedos e dali contatar o maior número de estações, de todo o mundo, em poucos dias. Para eles, São Pedro e São Paulo contam como um 'país' muito raro, válido para diplomas internacionais, devido ao seu isolamento e às dificuldades de instalação dos equipamentos em terra. Para os outros brasileiros, a grande maioria, as pequenas ilhas, desertas e nuas no meio do Atlântico, ainda não foram descobertas.

(*) Ed. Harper Bros, 1878.